

Álvares de Azevedo, poeta desencantado

Patrícia Aparecida Guimarães de Souza¹⁰⁹

Resumo: Em interface com a história, buscarei apresentar, neste seminário, a relação de Álvares de Azevedo com o chamado “romantismo do desencantamento”. Este tema integra a pesquisa que venho desenvolvendo em meu doutorado. O desencantamento, predominante no romantismo francês da década de 1830, decorria de uma espécie de fadiga das utopias românticas (sejam elas sociais ou subjetivas) que pareciam se tornar quimeras aos jovens do período. Após assistirem ou, até mesmo, participarem das revoluções de 1830, eles encontravam um mundo cada vez mais miserável e no qual a liberdade continuava limitada. Duvidavam, ainda, da possibilidade do amor e da crença. Para expor suas desilusões, utilizavam-se frequentemente da ironia. Álvares de Azevedo demonstrou travar um forte diálogo estético e político com esse grupo ao dar ênfase a autores como Alfred de Musset, a quem dedicou um de seus estudos literários. Além disso, o jovem poeta brasileiro trouxe ao seu repertório poético temas como a descrença, o desregramento moral, a desilusão amorosa e o questionamento à ordem burguesa e aos projetos nacionalistas expostos pelos românticos favoritos da corte, como Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. Em sua crítica, também sobressai a ironia, ainda que esta seja mais próxima à teorizada pelo romântico alemão Jean-Paul Richter, como já demonstrou Cilaine Alves Cunha, do que à ironia utilizada pelos poetas franceses de 1830, com forte influência voltairiana.

Palavras-chave: Álvares Azevedo; poesia; romantismo.

O primeiro a falar em uma “Escola do Desencantamento” foi Honoré Balzac, em um artigo publicado no início de 1831, no qual se dedicava a fazer um balanço das obras publicadas no ano anterior. Para o romancista, autores diversos como Stendhal, Nodier e ele mesmo tinham em comum o fato de que as obras que haviam publicado em 1830

¹⁰⁹ Doutoranda no Programa de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – FFLCH – USP. Bolsista CAPES, realizou sanduíche pelo PRINT (Programa Institucional de Internacionalização da CAPES) na Sorbonne Université durante o primeiro semestre de 2020. E-mail: patricia.aparecida.souza@usp.br

traziam o “gênio da época, o odor cadavérico de uma sociedade que se extingue (...) são traduções do pensamento íntimo de um velho povo que espera uma jovem organização; são pungentes zombarias”¹¹⁰. Desta forma, o autor da *Comédia Humana* delinea uma das principais características do heterogêneo grupo: o descontentamento com relação à sociedade vigente que deságua em uma escrita fortemente irônica.

Em 1992, o crítico literário Paul Bénichou se valerá da expressão cunhada por Balzac para nomear um de seus livros em sua obra monumental sobre o romantismo francês. *L'école du désenchantement* se debruça sobre a produção de Saint Beuve, Nodier, Musset, Nerval e Gautier. Restringido a “escola” a um grupo mais estritamente “romântico”, Bénichou explica a definição:

Como designando uma família de espíritos desiludidos (...). Mas o desencantamento que lhes é comum é que há em todos eles a ruína das certezas e das esperanças precedentes. Todos eles tratam o mal do desejo não satisfeito, e não sabem remediar seus infortúnios senão os glorificando mais ou menos explicitamente, no seio mesmo de suas queixas. Eles anunciam uma outra época da poesia, uma alteração do papel e dos poderes que o romantismo vitorioso atribuía ao poeta.¹¹¹

Observa-se a ideia da dúvida e da ruptura com as certezas como um dos eixos fundamentais do grupo de autores. Além disso, destaca-se a ênfase dada por eles aos seus sofrimentos pessoais e a defesa, ainda que nebulosa, de outra configuração social, em contraponto àquela que recebe suas críticas.

Em 2007, José-Luis Diaz também se utilizará da definição de um romantismo do desencantamento, estabelecendo que a marca desta geração consiste na mistura da desilusão e do sarcasmo. O crítico aponta ainda para um ceticismo geral com relação à humanidade em seu estado presente.¹¹²

110 « [ces livres] sont les traductions de la pensée intime d'un vieux peuple qui attend une jeune organisation ; ce sont de poignantes moqueries ». BALZAC, Honoré. Lettres sur Paris. In: *Œuvres Complètes*. Tome XXIII, Parti VII : Essais historiques et politiques, 1873, p. 168.

111 “comme désignant une famille d'esprits désillusionnés (...) Mais le désenchantement qui leur est commun est bien chez eux tous la ruine de certitude et d'espérances précédentes. Ils disent tous le mal du désir non satisfait, et ne savent remédier à leur infortune qu'en la glorifiant plus ou moins explicitement, au sein même de leurs plaintes. Ils annoncent une autre époque de la poésie, une altération du rôle et des pouvoirs que le romantisme victorieux attribuait au poète ». BÉNICHOU, Paul. *L'école du désenchantement*. Sainte-Beuve, Nodier, Musset, Nerval, Gautier. Paris: Gallimard, 1992.

112 DIAZ, José-Luis. *Op. Cit.* p. 565-570.

Sem se utilizar do termo “desencantamento”, o socialista francês Pierre Leroux, aponta, nos anos 1830, para uma das vertentes da literatura de seu tempo, que romperia com a moral e a forma vigente e teria como eixo fundamental a dúvida, para ele seria a escola de *byronianos*.

[...] toda essa literatura de verve delirante, de audaciosa impiedade e terrível desespero que preenche hoje nossos romances, nossos dramas e todos nossos livros, eis aqui a escola, ou melhor, a família dos poetas que nós chamamos *byroniana*: poesia inspirada pelo sentimento vivo e profundo da sociedade atual, o que significa do estado de anarquia, de dúvida e de desordem onde o espírito humano está hoje mergulhado por consequência da destruição da antiga ordem social e religiosa (a ordem teológica feudal) e de proclamação do princípio de igualdade, que deve engendrar uma nova sociedade.¹¹³

Para além da referência ao poeta inglês, observamos nessa definição os traços mais marcantes do desencantamento, em que a repulsa pela sociedade de então se reveste em dúvida e ironia.

Podemos ver como obra exemplar do romantismo desencantado o romance de Alfred de Musset *A confissão de um filho do século* de 1834. Neste livro, o narrador protagonista afirma que contará a sua história, pois há muitos jovens em seu tempo que sofrem do mesmo mal. Ele abre sua narrativa com uma longa digressão sobre sua época, marcada pela descrença e a derrota dos ideais da Revolução e do Império. Lembra ainda da filosofia iluminista, que defendeu a igualdade e questionou o domínio da nobreza e do clero, mas que, ao fim, a desigualdade se manteve sem ao menos restar o conforto espiritual que a religião oferecia no período anterior, já que o “século” era marcado pela descrença. A digressão se encerra com a previsão de uma sociedade futura em que os iluministas serão agradecidos por seus sonhos de liberdade e igualdade. Contudo, no momento em que se encontram, esses ideais só traziam mais desespero. A partir de então, ele narra sua vida amorosa. Depois de sua primeira desilusão, o narrador, inicialmente ingênuo, é permanentemente marcado pela dúvida e pela descrença, assim, se torna incapaz de viver um amor feliz quando é amado, tendo um comportamento ciumento e

113 « toute cette littérature de verve délirante, d'audacieux impiété et d'affreux désespoir qui rempli aujourd'hui nos romans, nos dramas et tous nos livres, voilà l'école ou plutôt la famille de poètes que nous appelons byronienne : poésie inspirée par le sentiment vif et profond de la réalité actuelle, c'est-à-dire de l'état d'anarchie, de doute et de désordre où l'esprit humain est aujourd'hui plongé par suite de la destruction de l'ancien ordre social et religieux (l'ordre théologique – féodal) et de la proclamation du principe de l'égalité, qui doit engendrer une société nouvelle. » LEROUX, Pierre. “Aux philosophes” In: *Revue Encyclopédique*, Paris, dez. 1831, p. 646.

sádico com a segunda amante, que, por fim, se apaixona por outro rapaz. A narrativa é repleta de longas e sarcásticas reflexões sobre sua época.

Álvares de Azevedo tinha Musset como um dos seus autores diletos e dedicou a ele um dos seus Estudos Literários, em que aborda também o tema da descrença em outros autores: Byron, Shelley e Voltaire. Assim como para o romântico francês, para Azevedo, Voltaire seria o culpado de inocular a descrença no século seguinte. Contudo, o ceticismo de Voltaire – diferente de seus sucessores – não lhe causava tanto sofrimento, ao contrário dos autores do século XIX que, apesar de descrentes, tinham dúvidas e até lamentavam não crer. O autor da *Lira dos vinte anos* também leu Pierre Leroux, citado por ele em um de seus discursos como exemplo de alguém que criou uma nova concepção de sociedade.

O poeta brasileiro exercia uma intensa atividade crítica tanto em seus estudos literários quanto em seus prefácios, além de demonstrar um vasto repertório estético, político e filosófico, produzindo uma obra com forte teor autorreflexivo. Desta forma, não se pode imaginar que referências por ele realizadas com tanta ênfase não fizessem parte de seu projeto literário ou que se tratassem apenas da repetição de tópicos.

Assim, considero que o movimento binômico apresentado na *Lira dos vinte anos*, ao apresentar primeiro o poeta crente e, depois, o irônico, também pode ser entendido em diálogo com os poetas franceses do desencantamento. A transformação do poeta ingênuo no poeta desencantado pode ser vista de maneira simbólica, quando se destaca que o último poema da Primeira Parte é “Lembrança de morte”, no qual se tem um eu-lírico à beira da morte; e o primeiro poema da Segunda Parte “Cadáver de Poeta”, de forte crítica social, traz a imagem do poeta já morto, representando a morte dos ideais.

Em “Ideias íntimas”, segundo poema da segunda parte, conforme já demonstrou Antonio Candido, observa-se uma mescla de humor e melancolia, em que o riso se mescla com o tédio da vida. Esta ambiguidade também é explorada por Vagner Camilo. A perda das ilusões seguida de uma postura auto-irônica em que se entremeiam o lamento e o riso são algumas das características do desencantamento.

Desta forma, buscarei demonstrar como Álvares de Azevedo se aproximou do posteriormente chamado “romantismo do desencantamento”, se apropriando de algumas de suas principais características no desenvolvimento de sua poética.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. *Obras de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Tipographia Universal de Laemmert, 1855.
- _____. *Poesias Completas* (Edição Crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos). Campinas: Editora Unicamp, 1999.
- BALZAC, Honoré. Lettres sur Paris. In: *Œuvres Complètes*. Tome XXIII, Parti VII : Essais historiques et politiques, 1873.
- BÉNICHOU, Paul. *L'école du désenchantement*. Saint Beuve, Noidier, Musset, Nerval, Gautier. Paris: Gallimard, 1992.
- CAMILO, Vagner. *Riso entre pares*. Poesia e humor românticos. São Paulo: Edusp, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ouro sobre o Azul, 2017.
- CUNHA, Cilaine Alves. *O belo e o disforme*. Álvares de Azevedo e a ironia romântica. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. *O poeta embriagado*. (no prelo)
- DIAZ, José-Luis, *L'écrivain imaginaire*. Scénographies auctoriales à l'époque romantique. Paris : Honoré Champion Editeur, 2007.
- LEROUX, Pierre. "Aux philosophes" In: *Revue Encyclopédique*, Paris, sep., nov. et dec. 1831.
- MUSSET, Alfred. *La confession d'un enfant du siècle*. Paris: Gallimard, 1973.